

Dança
29, 30 Setembro 2011

Romance-s

por Laurence Yadi, Nicolas Cantillon -
Compagnie 7273

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceito, coreografia e interpretação Laurence Yadi e Nicolas Cantillon **Colaboração artística** Graziella Jouan, Karelle Ménine **Luzes** Patrick Riou **Música** Manuel Soto **Figurinos** Olga Kondrachina, Philippe Combeau **Direção técnica** Patrick Riou **Fotografias** Michel Cavalca
Administração/Difusão Martin Beyer, Olivier Staussadmin@cie7273.com, www.cie7273.com
Produção Compagnie 7273 (CH-FR) **Co-produção** La Bâtie, Festival de Genève

A Companhia 7273 é apoiada pela Cidade de Genebra, pela República e Cantão de Genebra e pela Pro Helvetia - Fundação Suíça para a Cultura.

Para a criação de *Romance-s*, a Companhia 7273 beneficiou ainda da co-produção do Festival de La Bâtie - Festival de Genève, da cedência dos estúdios de dança da ADC de Genebra e do apoio financeiro da Fondation Ernst Göhner, da Loterie Romande, da Schweizerische Interperetenstiftung e de Cynthi e Patrick Odier.

Laurence Yadi e Nicolas Cantillon - Compagnie 7273 foram distinguidos com o Prix de Danse et de Choregraphie Suisse 2011.

Na quinta-feira 29 de Setembro, após o espectáculo, haverá uma conversa com os artistas na sala 1.

Qui 29, Sex 30 de Setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 45 min · M12

Romance-s serve-se da experiência amorosa para mostrar um trajecto que circula pelos territórios do casal e da dança, um e outro votados a imbricar-se, transformar-se e questionar-se.

O plural manifestamente destacado do título proclama o carácter universal da proposta: a *romanza* (poema espanhol em versos octossilábicos, mas também canção sentimental de carácter cándido e terno) evoca um fundo comum a todas as histórias de amor, que reinventa os lugares comuns com uma sinceridade absoluta. Esta peça, mais ainda do que as anteriores, procura o diálogo com o espectador, através do empenhamento dos coreógrafos neste campo de partilha.

O plural induz também a multiplicidade de tipos de percepção que o espectáculo permite: para além de certas referências reconhecíveis, a peça vai além do mimetismo para atingir zonas sensoriais escondidas, como que uma memória adormecida.

Laurence Yadi e Nicolas Cantillon vestem calças e t-shirt da mesma cor e do mesmo modelo, que ora apagam as polaridades de género ora as sublinham. O figurino escolhido desenha a silhueta e destaca as mãos e os rostos. O movimento torna-se numa linha que desenha uma sucessão de motivos, um paradigma do par com variações de intensidade. Enfrentam-se, impassíveis, no centro do palco e subitamente lançam um grito mudo e contudo ensurdecedor em direcção um ao outro, que coloca imediatamente o par sob o signo da intranquilidade. A partir desta sequência inicial, e durante toda a peça, os seus olhares estão cravados um no outro. Esta permanência do olhar

dramatiza o espaço, intensificando a distância entre os corpos, como se o afastamento dos corpos nunca passasse de uma proximidade diferida; o olhar inscreve a peça no presente e cria uma área de presença contínua, acentuada por uma gestualidade ao retardador que decompõe o encadeado de movimentos com uma precisão sismográfica. Daqui resulta um efeito de dilatação que aumenta a tensão. Os corpos contornam-se, provocam-se, despem-se, num fluxo crescente em que alternam figuras antagónicas: contacto/separação, abraçar-se/agredir-se, aprumo/desengonço, apoiar-se/desfalecer... É sempre o corpo de um que faz mover o corpo do outro, numa interacção subtil em que os poderes se distribuem, se medem e se trocam. Às vezes parece que os bailarinos alternam o papel de presa e de predador, lutando pela sua sobrevivência ou pelo seu território. A lentidão teatral de alguns gestos lembra uma arte marcial com toda a sua tensão controlada. Aqui reconhecemos um *slow*: alguns segundos de abandono e de amplexo efectivo, com um laivo de candura. Ali algumas reminiscências do bailado romântico: *arabesques* e *portés* (transportes) inscrevem a peça numa genealogia que fala da beleza e do ideal (amoroso e dançado), pela sua dinâmica ascensional e, ao mesmo tempo, criam uma relação com a gravidade que puxa o corpo para o chão, num regresso ao real. A gravidade, *perpétuo destino a vencer*, dizia Bachelard, é uma das forças dominantes da peça. Cada um é condicionado pelo peso do outro, cruz a carregar ou peso morto, dando aos bailarinos a possibilidade de inventar e de diversificar os seus apoios: assim o

espaço oscila e dota-se de ricas potencialidades dinâmicas.

Todas estas micro-tentativas crescem e intensificam-se num flamenco revisitado pelos coreógrafos. Com tanto de torneio como de combate sexual, a dança evoca um fundo primitivo em que o menor passo em falso poderia ser fatal e romper o equilíbrio das forças em presença. O flamenco não brinca com o amor; é uma promessa de fusão que a dança chama a si numa série de febris situações de corpo a corpo: transportes, abraços, confusão dos corpos, abrem passagem à circulação de um fluxo, de uma corrente magnética (pode pensar-se no projecto de J. Cassavetes em *Love Streams*) que atrai os corpos e os molda até à paralisia. As linhas congelam-se no garrote das mãos, articulações salientes que tanto agarram como resistem, numa crispação que não deixa de ser um laço.

Os corpos afastam-se um pouco mais; quando Nicolas Cantillon sai de cena, Laurence Yadi dá a ver um corpo em que a tensão meditativa prolonga o tempo e adensa o espaço, arrastando-nos no seu trajecto interior. E é como se o regresso de Nicolas fosse a emanação deste trajecto, como se o desfecho só pudesse ser um enlace que se refizesse.

Romance-s propõe uma leitura da relação entre corpos, esse espaço comum ao amor e à dança. Que corpo é este que amo? Que corpo é este com que danço? Que diferentes estados tem este corpo? Que me diz ele do meu próprio corpo? A resposta fica para cada espectador.

Graziella Jouan

Percurso de Laurence Yadi e Nicolas Cantillon – Companhia 7273 (Suíça – França)

Nicolas Cantillon nasceu em 1972 em Melun e Laurence Yadi em 1973 em Argentineuil. Repartem a sua vida e a sua actividade profissional entre a Suíça e a França.

Nicolas Cantillon inicia a formação de bailarino no conservatório Marius Petipa em 1989, depois de uma experiência de cantor e guitarrista com o grupo Cryse 17.

Laurence Yadi termina em 1991, em Paris, uma formação em estudos de desporto e dois anos mais tarde obtém uma bolsa para o centro Alvin Ailey, em Nova Iorque.

Quando acabam as suas aprendizagens respectivas, ambos multiplicam colaborações com intérpretes e assistentes de coreógrafos, por vezes nas mesmas estruturas, nomeadamente no Ballet J. Art de Paris e na Companhia Alias, de Genebra, com Gisela Rocha e com Rui Horta.

Nicolas Cantillon e Laurence Yadi criam em 2003 a sua primeira peça, *La vision du lapin*, que questiona os códigos da representação. Com *Simple proposition*, de 2004, abordam uma pesquisa sobre o duo e a fragmentação do movimento. Esta peça inspira a curta-metragem *Durée déterminée*, que co-realizam em 2005 com Frédéric Lombard e Jennifer Bonn.

Segue-se *Climax*, em 2006, um solo que, num fluxo contínuo de movimento, desenha uma passagem secreta entre a alegria e a melancolia. Com esta peça a companhia ganha o prémio da Fundação

Liertchi para as Artes. *On stage*, de 2007, é uma variação condensada de *Climax*, de que resulta uma reflexão sobre o tempo e o ritmo. No mesmo ano, criam *Merry-go-round* para o Ballet Júnior de Genève, reconvertendo o modelo de *Climax* para as dimensões do Ballet.

Ainda em 2007, a companhia inicia um projecto sobre a música folk e o seu impacto na criação, sob a forma de trilogia. *En concert*, conjunto de canções e músicas originais tocadas em palco pelos coreógrafos é a prefiguração de *Lai lai lai lai*, uma peça para quatro bailarinos, criada em 2008, que constitui o primeiro capítulo da trilogia.

Em 2009, continuam a releitura de *Climax* com a criação de Listen & Watch, com o guitarrista e compositor Sir Richard Bishop (EUA, Seattle) e depois com o músico Steffen Basho Junghans (Alemanha, Berlim). Em Setembro desse ano, Laurence Yadi e Nicolas Cantillon inspiram-se na relação amorosa e criam *Romance-s*.

Simple proposition e *Climax*, foram apresentadas pela Culturgest em 2006 em colaboração com O Espaço do Tempo, de Montemor-o-Novo.

Laurence Yadi e Nicolas Cantillon – Compagnie 7273 foram distinguidos com o Prix de Danse et de Chorégraphie Suisse 2011.

Graziella Jouan

Redige os textos de intenção e de divulgação das criações da Compagnie 7273 em estreita colaboração com os coreógrafos. É consultora nos processos de criação dos coreógrafos desde *La vision du Lapin* (2003).

Karelle Ménine

Jornalista e autora. Colabora com a *France Culture*, a Rádio Suisse Romande e o diário *Le Courrier*. Escreve para teatro e desenvolve trabalho sobre a escrita sonora. Em 2009, esteve em residência no teatro l'L, em Bruxelas. Participa na criação de *Romance-s* como colaboradora artística.

Patrick Riou

Autor de numerosos desenhos de luz. Trabalhou nomeadamente com Angelin Preljocaj e Philippe Combes. Colabora actualmente com jovens talentos como Gisèle Vienne e Olivier Dubois. Em 2009 conhece a Compagnie 7273, para quem realiza o desenho de luz de *Romance-s*.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Próximo espectáculo

Adolfo Gutiérrez e Luis Fernando Pérez

Ciclo Concertos no Palco



Música Sáb 1 Outubro

Palco do Grande Auditório · 18h

Duração: 1h30 com intervalo · M12

Violoncelo Adolfo Gutiérrez

Piano Luis Fernando Pérez

Programa

Robert Schumann (1810-1856)

Fantasiestücke, op. 73,
versão para violoncelo e piano

Samuel Barber (1910-1981)

Sonata para violoncelo e piano, op. 6

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Sonata para violoncelo e piano
em Sol menor, op. 19

Astor Piazzolla (1921-1992)

Le Grand Tango

Adolfo Gutiérrez e Luis Fernando Pérez são dois jovens e muito talentosos músicos espanhóis. Ambos estudaram em Madrid, ambos passaram pela Escola Superior de Musica Reina Sofia e completaram a sua formação com grandes pedagogos. Cada um com uma já sólida carreira internacional que os tem levado

pela Europa e pelos Estados Unidos, foram distinguidos com vários prémios e são, sem dúvida, dois intérpretes que se encontram entre os melhores da sua geração.

Em 2003 gravaram, para a editora espanhola Verso, o CD com o programa idêntico ao do recital deste fim de tarde. A crítica espanhola não poupou elogios. Com justiça. Trata-se, na verdade, de um excelente disco, quer pelas obras escolhidas, quer pela qualidade da interpretação. Oito anos depois, este duo, certamente mais maduro, vem ao nosso palco reinterpretar estas belíssimas peças de Barber, Rachmaninov e Piazzolla. A que acrescentaram as “peças de fantasia” op. 73 de Schumann, assim reforçando o carácter romântico do programa.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
